

A ESTRATÉGIA DA DISTORÇÃO

A imprensa tradicional e a militância petista distorceram, à exaustão, o conteúdo de uma carta de Donald Trump, e seria ingenuidade esperar que tratassem com o mínimo de honestidade o documento enviado por Marco Rubio, secretário de Estado americano, ao senador Flávio Bolsonaro. A deturpação é uma escolha deliberada, é uma estratégia de comunicação.

A carta de Rubio é um documento de precisão diplomática e objetividade política. Ele inicia agradecendo a visita de Flávio a Washington, um gesto que, na etiqueta das relações internacionais, consolida o senador como um interlocutor chave e um ponto de contato estratégico para uma eventual transição nas relações bilaterais entre Brasil e Estados Unidos. Ao enfatizar a necessidade de uma parceria alicerçada em valores compartilhados, respeito mútuo e uma visão comum para a segurança e a prosperidade do Hemisfério Ocidental, Rubio sinaliza, sem rodeios, que a administração americana busca parceiros ideologicamente alinhados com essa agenda.

O texto traz um elogio direto ao apoio de Flávio à decisão americana de classificar o PCC e o Comando Vermelho como organizações terroristas estrangeiras. Rubio reconhece que essas facções criminosas representam uma ameaça transnacional real e que a classificação é fundamental para proteger a integridade de cidadãos brasileiros e americanos contra o crime organizado. Isso derruba a narrativa esquerdista de transformar qualquer aproximação com Washington em submissão, evidenciando que se trata de cooperação técnica e segurança nacional.

Com relação às questões comerciais, o tom da correspondência é de firmeza e transparência. Rubio confirma que a investigação conduzida sob a Seção 301 segue seu curso regular, motivada por divergências comerciais substanciais que persistem entre os dois países. O secretário reafirma a realização da audiência pública agendada para o dia 6 de julho, garantindo que o espaço está aberto para que qualquer interessado apresente sua posição de forma técnica. É emblemático, e revelador da paralisia diplomática brasileira, que Flávio Bolsonaro tenha se inscrito prontamente para defender os interesses nacionais, enquanto o governo Lula, optando pela retórica da vitimização em vez do trabalho diplomático prático, escolheu não participar, preferindo a política de palanque à mesa de negociações.

É neste ponto que a estratégia da militância petista e de seus aliados na mídia se revela. Eles operam através de uma tríade de desinformação: primeiro, silenciam sobre o reconhecimento americano ao combate ao crime; segundo, fomentam uma paranoia artificial ao transformar um convite transparente para uma audiência em uma suposta interferência externa; e terceiro, reduzem toda a complexidade geopolítica da carta ao tema das tarifas, para assim atacar a oposição.

Para Lula e seus satélites, a perspectiva de tarifas americanas contra produtos brasileiros é um ativo político. É a muleta utilizada para culpar a oposição pelos problemas econômicos, esconder as falhas estruturais da própria gestão e evitar qualquer debate profundo sobre a ineficiência, o amadorismo e o isolamento deliberado do governo na condução da política externa.

Enquanto o governo Lula busca culpados para suas ações e omissões, Flávio defende o Brasil e trabalha para manter as portas abertas com a maior democracia do mundo. Escolhas.

- **Distorção coordenada:** Imprensa tradicional e militância petista omitem aspectos centrais da carta e concentram a narrativa nas tarifas para atacar a oposição.
- **Cooperação estratégica:** Marco Rubio reconhece Flávio Bolsonaro como interlocutor político e destaca a convergência no combate ao PCC, ao Comando Vermelho e ao crime transnacional.
- **Paralisia diplomática:** Flávio busca participar da audiência sobre a Seção 301, enquanto o governo Lula evita a negociação técnica e explora politicamente o risco tarifário.

